

## INTRODUÇÃO

*...com dedos desinibidos para o imperscrutável*

**N**ossa civilização segue uma trajetória de aceleração cada vez maior, mas corremos em direção a quê?

Nossas ansiedades se multiplicam. O meio ambiente está se desintegrando. O calor está aumentando na proporção do afinamento da camada de ozônio. A Jihad confronta-se diretamente com o McMundo em guerras insanas e atrocidades televisonadas. Populações inteiras são desalojadas com o desaparecimento de cidades debaixo de ondas de vazamentos tóxicos. Arsenais nucleares estão sendo estocados por nações rebeldes. Presidentes nos asseguram que “farão o bolo crescer”, mas somos atormentados por uma desigualdade cada vez maior e pela falta de comprometimento nas decisões políticas. Os analistas militares preparam-se para guerras cujo objetivo é obter o controle sobre os recursos naturais do planeta, tais como água e grãos; profecias indígenas apontam para uma iminente inversão polar que apagará completamente nossos discos rígidos. A tecnologia avança conforme a curva exponencial descrita pela Lei de Moore e suas consequências imprevisíveis seguem a Lei de Murphy. Cultos da Nova Era varrem os céus em busca de manifestações extraterrestres. Religiões da Velha Era prenunciam o Armagedon. O progresso linear e o “fim da história” prometido por teóricos liberais são como uma ficção alucinante sobre outra realidade. Ativistas e radicais, horrorizados pelos efeitos de terra arrasada da globalização, insistem que “outro mundo é possível”. Porém, pouca gente faz ideia de como seria esse mundo.

Este livro desenvolve uma teoria radical: a de que a consciência humana transita rapidamente para uma nova condição, uma nova intensidade de percepção que se

manifestará na forma de uma compreensão diferente, uma transformação de nossa concepção do tempo, do espaço e de nossa própria individualidade. Segundo essa tese, a transição já está em curso – embora de forma predominantemente subliminar – e se tornará cada vez mais evidente à medida que nos aproximarmos do ano de 2012. De acordo com o calendário sagrado das civilizações maia e tolteca da Mesoamérica, essa data significa o fim de um “Grande Ciclo” de mais de cinco mil anos, a conclusão de uma era da história do mundo e início de outra.

Tradicionalmente, a finalização do Grande Ciclo era associada ao retorno da divindade mesoamericana Quetzalcoátl, a “Suprema Serpente Emplumada”, retratada em esculturas e frisos de templos na forma de uma fusão de ave com serpente, representando a união do espírito com a matéria. O arqueólogo mexicano Enrique Florescano explica: “Quetzalcoátl é o deus que transmite a civilização, revela o tempo e determina o movimento das estrelas e o destino humano.” A hipótese que proponho é que a finalização do Grande Ciclo e o retorno de Quetzalcoátl são arquétipos e seu significado latente aponta para uma transformação na natureza da psique. Se essa teoria estiver correta, a transformação de nossa consciência provocará a rápida criação, desenvolvimento e disseminação de novas instituições e estruturas sociais, correspondendo ao nosso novo nível mental. Visto de dentro dos limites de nossas atuais circunstâncias, caóticas e perturbadoras, esse processo pode muito bem assemelhar-se a um avanço em direção a uma condição harmônica, talvez até utópica, da vida na Terra.

Uma afirmação radical como esta pode parecer absurdamente implausível e intangível para a análise racional, mais uma fábula que um fato; sem dúvida, não parece estar em consonância com o atual rumo dos acontecimentos do mundo. Todavia, acredito que essa transição pode ser abordada de modo razoável e tratada de forma tal que não insulte nossas faculdades racionais. Farei o que estiver a meu alcance para esmiuçar e explicar o que quero dizer quando me refiro a essa transformação da consciência, dando ao leitor orientações para compreender o processo segundo minha concepção. Defenderei que esse salto quântico para um novo contexto tem sido meticulosamente preparado pela história humana, se analisado sob determinado ponto de vista. Ao mesmo tempo, é necessário nosso ativo envolvimento para que ele aconteça. Quando percebermos o que está em jogo, cada um de nós, individualmente, poderá escolher se quer ou não aventurar-se a dar o salto para o outro lado.

As páginas seguintes podem ser lidas como um extravagante experimento mental

– uma espécie de aposta de pôquer ou jogo de roleta com “vale tudo”, mas disputado na esfera das ideias. Para fazer essa aposta não é preciso e nem é desejada uma “crença” – tudo que peço dos leitores é uma mente aberta, uma inteligência crítica e a disposição para analisar as coisas com outra perspectiva. Enquanto as guerras, recessões econômicas e desastres naturais são fenômenos inquestionáveis que podem ser percebidos por qualquer um, uma alteração na natureza da psique seria, pelo menos inicialmente, um processo sutil e invisível. Com o tempo, porém, uma transformação mental desse tipo produziria efeitos no mundo físico que seriam tão reais quanto aqueles acontecimentos que costumam ganhar as manchetes e prender a atenção do mundo por um ou dois fugazes momentos. Afinal, apenas nos últimos dois séculos, a superfície da Terra tem sido remodelada, pavimentada, penetrada pelo pensamento humano – pensamento projetado em forma material por tecnologias cada vez mais potentes. Caso passemos por uma transformação em nosso modo de pensar, o mundo poderia se transformar mais uma vez.

A abordagem desse tema requer “dedos desinibidos para o imperscrutável”, para citar uma expressão do filósofo Friedrich Nietzsche. Foi Nietzsche, esse visionário solitário e destruidor de falsos valores, que observou que grande parte do que consideramos conhecimento – mesmo na ciência – é, na verdade, uma projeção de nossa psicologia no mundo. Nosso pensamento tende a girar em torno de convenções estabelecidas, de base esquecida ou obscura. Nietzsche sugeriu que a aquisição de conhecimento requer uma “base de ignorância sólida como pedra” para que aconteça: “a vontade de saber na base de uma vontade bem mais potente: a vontade de ignorância, de incerteza, de mentira! Não como seu oposto, mas como seu refinamento!”

Enquanto tento definir uma transformação na natureza da consciência, constato que há apenas um meio no qual pode ser registrada essa transformação: na própria consciência, essa esfera volátil de nossa experiência subjetiva e pessoal – que, aliás, é o terreno onde ocorrem todas as formas de experiência. Por esse motivo, meu livro percorre caminhos paralelos: por um lado, busco erguer o arcabouço filosófico, esboçando sinais que deverão ajudar a compreender essa transição; por outro lado, sigo meu próprio processo de descoberta – de hesitação, reflexão e noites em claro, de jornadas xamânicas em mesas do deserto e florestas amazônicas, de investigações em campos de trigo ingleses e catedrais em ruínas de Avalon, de episódios visionários muitas vezes tão lancinantes quanto reveladores, do esforço de superar minha própria e entranhada “vontade de ignorância” e meu medo do desconhecido.

NA ATUALIDADE, a ideia de um “fim do mundo” próximo ou iminente assumiu o caráter perdurável de um clichê cultural. Que membro de nossa *intelligentsia* liberal desejaria encontrar para si outro Montano ou William Miller, um Meher Baba ou um Lubavitcher Rebbe, esses antigos profetas ignorados e autointitulados messias, ou um delirante devoto do Heaven’s Gate ou ainda um dos fanáticos autoflagelantes secretos da Turíngia, ansiosamente à espera do arrebatamento que porá fim ao mundo ou do último anúncio do retumbante juízo divino? Ao mesmo tempo, o apocalipse recusa-se a libertar de seu domínio a imaginação profana de nossa cultura. O cinema e os programas de televisão disseminam a mensagem de destruição cataclísmica do mundo, seja por inversão polar, ataque alienígena, inundação, incêndio, cometa ou extermínio nuclear. Na esfera da imaginação coletiva, o famoso poema de W. B. Yeats “The Second Coming” (“A segunda vinda”) sempre ganha novas interpretações:

*As coisas se desfazem; o centro não se sustenta;  
A pura anarquia está solta no mundo,  
Marés turvas de sangue espalham-se por toda parte  
O ritual da inocência é abafado;  
Os melhores perdem todas as convicções, enquanto os piores  
Enchem-se de intensa paixão.*

Para alguns, uma segunda vinda de Cristo, em sentido literal, é algo que se espera ardentemente. Milhões de fundamentalistas cristãos – no coração dos Estados Unidos e na Casa Branca – consideram-se prontos para o arrebatamento, vivendo na pele o roteiro do Apocalipse de São João. Romances *best-sellers* preveem o retorno de um messias semelhante a um Schwarzenegger, massacrando os exércitos dos infiéis. Às vezes, essa frívola escatologia parece ser a base suprema de nosso desinteresse pela proteção ambiental e por tratados sobre o clima. Por que reduzir o uso de combustível em automóveis ou preservar os recursos naturais quando o fim dos tempos está próximo? Por que não, em vez disso, acelerar o processo? Embora as ações dos fundamentalistas pareçam contradizer princípios de tetos tidos por eles próprios como sagrados, eles creem que não haverá perigo para aqueles que já estão salvos – nem mesmo a promessa dos anjos, conforme o Apocalipse de São João, de “destruir aqueles que destroem a Terra” lhes faz passar noites em claro.

A atmosfera negadora do mundo e a ênfase transcendental de nossas religiões patriarcais atingiu uma espécie de nível febril. Há quem acredite que Deus abençoe guerras imperialistas, violência territorial e atos de terrorismo; perdoe o capitalismo de livre mercado e sua exploração dos recursos naturais, sustente a santidade da família nuclear, ao mesmo tempo em que é contrário ao aborto e às uniões entre pessoas do mesmo sexo. Deus parece ser um ponto de referência conveniente para qualquer movimento regressista ou restrição de possibilidades que qualquer guru, pontífice ou presidente anuncie em seu nome – enfim, para a instituição cada vez maior de um mundo cercado por arame farpado.

Os que estão no outro lado da cerca, liberais e céticos, crentes seculares na ciência e no progresso, ainda esperam que o futuro siga o padrão do último século: máquinas mais reluzentes, mundos virtuais com mais possibilidades de imersão, maior longevidade, mais deterioração ecológica. Aceitam as projeções dos economistas de crescimento ilimitado e ignoram outros índices que indicam esgotamento de recursos naturais e devastação. Confrontados com ameaças terroristas, em sua maioria estão dispostos a pagar com certa parcela de liberdade por um pouco de segurança. Ignoram ou evitam os aspectos latentes de nossa condição que contradizem suas esperanças e planos para o futuro.

Além do apocalipse e do Cristo de olhos azuis aguardado pelos crentes, outra “besta bravia” caminha desajeitada em nossa direção: uma crise biosférica de magnitude tão grande que tocará a vida de cada pessoa no planeta: “Estamos sendo confrontados por algo que está tão completamente fora de nossa experiência coletiva que sequer o vemos, mesmo quando os sinais são claríssimos. Para nós, esse “algo” é uma intensa sucessão de colossais alterações biológicas e físicas no mundo que nos tem sustentado”, escreve Ed Ayres, diretor editorial do Instituto World Watch, em seu livro de 1999 *God's Last Offer* [A última dádiva divina], que oferece uma análise convincente do estado de apuros em que se encontra o planeta. O livro *God's Last Offer*, assim como muitas outras obras semelhantes, oferece sustentação estatística e argumentos racionais para fazer soar o alarme. As preocupantes profecias que ele expõe foram ignoradas por uma massa sedenta por conselhos sexuais, fofocas de celebridades e distrações literárias. Ayres identifica quatro crescentes desdobramentos ou “picos”, que ameaçam nosso futuro imediato: crescimento populacional (embora com maior lentidão que as projeções anteriores, a população mundial cresce ao ritmo de oitenta milhões de indivíduos por ano), esgotamento de recursos naturais,

crecentes emissões de gás carbônico e extinção em massa de espécies (uma perda sistêmica de anfíbios, aves, mamíferos, insetos, plantas e vida marinha, muitíssimo pior que a súbita colisão que dizimou os dinossauros tempos atrás).

“O aquecimento global e as extinções de espécies são fenômenos universais, e as expansões da população e do consumo provocam reações em cadeia que não podem ser detidas por limites oceânicos e nem por fronteiras internacionais”, diz Ayres. As tendências criam laços de realimentação que só aumentam o ritmo das transformações – por exemplo, as mudanças climáticas tornam as florestas mais vulneráveis a incêndios, como as enormes conflagrações que têm ocorrido em todo o Ocidente nos últimos anos, liberando mais gás carbônico e, ao mesmo tempo, reduzindo ainda mais a quantidade de árvores que absorvem esse gás. Ayres analisa os mecanismos da dissimulação e logro – assim como a negação ou vontade de ignorância, muito mais forte – que têm obscurecido as gigantescas transformações ocorrendo a nosso redor. “É provável que o padrão geral de comportamento entre as sociedades humanas ameaçadas se torne mais cego, em vez de se concentrar mais na crise, enquanto essas sociedades entram em decadência”, sugere o autor. A condição atual do mundo é como um carro cujo motorista, ao ver que está prestes a ficar sem gasolina, reage pisando no acelerador. A excitação proibida de passar do limite oferece uma distração para qualquer preocupação de que a viagem logo chegará ao fim, ou para qualquer preparação para o modo como será esse fim.

No atual ritmo de desflorestamento, em quarenta anos não haverá mais florestas tropicais no planeta. Quase todos os ecossistemas delicados do mundo, das calotas polares aos recifes de corais, estão enfrentando um semelhante e rápido declínio. Nossos recursos naturais estão minguando no mesmo ritmo. Segundo a Avaliação de Ecossistemas do Milênio, documento preparado em 2005 pelas Nações Unidas: “Constatou-se que quase dois terços dos serviços oferecidos à humanidade pela natureza estão em declínio em todo o mundo. Na verdade, os benefícios colhidos pelas transformações que fizemos no planeta com a engenharia foram obtidos através do esgotamento de nosso patrimônio em capital natural. Em muitos casos, pode-se dizer que estamos literalmente vivendo com um tempo de vida emprestado.” O relatório da ONU informa que nossos oceanos – que até recentemente eram considerados tão vastos que estavam fora do alcance da influência humana – foram explorados em noventa por cento, com o desaparecimento de cadeias alimentares inteiras de vida aquática.

Geólogos têm sugerido que nos próximos anos o esgotamento das reservas de combustível fóssil poderia levar a uma escassez e grandes altas de preço. Os iminentes cenários de “Pico do Petróleo” sugerem que está por vir uma recessão global – ou coisa muito pior. Enquanto isso, continuamos a despejar anualmente na atmosfera mais de seis bilhões de toneladas de gás carbônico com propriedades de acúmulo de calor. Com a aceleração das mudanças climáticas – juntamente com o afinamento da camada de ozônio, a desertificação, o crescente envenenamento da biosfera por produtos químicos industriais etc. –, quase todos os anos são registrados recordes em quantidade de terremotos, incêndios florestais, secas, furacões e outros cataclismos.

A globalização corporativa, sistema voltado para o lucro no curto prazo com consequências no longo prazo, está fazendo uma queima de estoques com os recursos naturais do planeta. Esse processo foi iniciado pelo Ocidente, mas pode ser concluído por outras nações. Estudos têm demonstrado que até 2030, devido à rápida industrialização e contínuo crescimento populacional, a China sozinha precisaria de mais 200 milhões de toneladas de grãos por ano, quantidade igual à capacidade de exportação do planeta inteiro em 1997 – e que a produção agrícola está caindo, devido ao esgotamento de solos aráveis, secas e consequências imprevisíveis da agricultura intensiva em escala industrial. “Além dos 26 ou mais países que já estão sem água, centenas de outras regiões em diversos países, inclusive grandes regiões da China, Índia, México e Estados Unidos, já têm escassez de água”, relata Ayres. A escassez de água e alimentos provocaria migrações generalizadas e agitação social, incitando o surgimento de regimes autoritários de curta duração, seguidos por um caos global: “Os líderes de cada país, incapazes de prover assistência, provavelmente seriam derrubados e os governos perderiam a capacidade de manter a ordem”, observa Ayres. “Milhões de pessoas partiriam como refugiados, atravessando fronteiras em diásporas de proporções grandes demais para controlar ou apoiar.”

A saúde das sociedades humanas no longo prazo não pode ser dissociada da saúde da biosfera. Chegamos ao fim de um período relativamente curto, quando o ímpeto de progresso material em massa poderia obscurecer a rapidez do extermínio em escala global. Para quem se dedica a refletir sobre o estado de apuros em que nos encontramos, conforme Ayres e outros já fizeram, parece provável que as estruturas que atualmente sustentam nossa civilização, tais como o Estado-nação soberano, se estilharão assim como a biosfera. Na verdade, talvez esse processo já esteja em curso. O tom estridente dos meios de comunicação de massa e o descaso pela ciência

e pela evidência factual demonstrados por nosso governo – a “vontade de ignorância” impondo uma espécie de obstrução ao conhecimento – prenunciam a crise mais profunda que está prestes a surgir. Muitos de nós reconhecemos os perigos diante dos quais nos encontramos, mas nos recusamos a analisá-los meticulosamente, imobilizados pela ansiedade sobre nosso próprio destino e sobre o destino de nossos entes queridos. Contudo, é possível que esse pavor precise ser superado para não correremos o risco de gerar as consequências que mais tememos.

Para entender essa condição, cada pessoa tem de rever seu próprio processo individual, confrontando seus mecanismos habituais de fuga e negação, superando seu medo e cinismo condicionado. Esse processo ocorre em etapas. Minha própria percepção da crise global foi acentuada por uma visita à Floresta Amazônica, no Equador, vários anos atrás. Fui ao Equador para participar de rituais com os xamãs dos secoyas, uma antiga tribo amazônica com uma língua e cultura complexas que quase foi exterminada durante o século passado. Dos trinta mil secoyas que havia no final do século dezanove, restaram hoje cerca de 750. Um processo paralelo de extinção em massa de espécies tem reduzido intensamente a diversidade das culturas humanas. Das seis mil culturas conhecidas do planeta, mais da metade delas está ameaçada de extermínio.

Para chegar até os secoyas, viajamos por áreas que há apenas uma década haviam sido uma opulenta floresta tropical, mas que agora estavam reduzidas a pastos áridos nos quais agricultores mestiços extraíam seus poucos meios de subsistência. Cada vasta extensão de milhões de acres de floresta, aberta para exploração pelas companhias petrolíferas e em seguida desmatada e devastada, produz petróleo suficiente para saciar a demanda de combustível nos Estados Unidos durante três a cinco dias, em média. Uma vez destruída, a floresta tropical não se regenera. Eu havia lido sobre a devastação da floresta tropical e entendido o fenômeno de forma abstrata, mas o confronto visceral com a destruição foi um acontecimento traumático em minha vida psíquica – um momento crucial de minha trajetória.

Em minha juventude, fazia planos ansiosos para meu futuro como escritor e editor em uma cultura essencialmente estável que, apesar das transformações, duraria muito mais que meu próprio tempo de vida. Para mim, a literatura e a arte tinham, em si mesmas, um valor perene – eram um refúgio para percepções sutis e ideias subversivas que, com o passar do tempo, poderiam influenciar a cultura como um todo. Como a maioria das pessoas, eu aceitava a solidez concreta da civilização

moderna e acreditava na continuidade das instituições dessa civilização. Não tenho mais essa perspectiva. Ruminando os fatos, analisando nossa condição no decorrer do tempo, concluí, com tristeza, que nossa civilização atual não é uma máquina construída para durar.

Para o crítico cultural e místico William Irwin Thompson, nossa espécie está diante de uma “catastrófica bifurcação” prestes a se tornar realidade:

A atual fase hominídea não é uma condição que possa ser aperfeiçoada; é um processo que possivelmente não pode ser controlado. (...) No passado, já fomos bactérias procarióticas, depois dinossauros e agora somos humanos prestes a nos transformarmos, através de uma catastrófica bifurcação, em sub-humanos e pós-humanos ou Deus sabe o que mais. (...) Do efeito estufa ao buraco na camada de ozônio, ou do sexo, drogas e rock and roll às purificações fundamentalistas, ou da engenharia genética à inteligência artificial – tudo que gostamos de chamar de humano e familiar, até mesmo o planeta na forma em que o vivenciamos, está sendo tomado de nós em decorrência de nossos próprios atos, conscientes e inconscientes.

Ex-professor de estudos clássicos no MIT e iogue praticante, Thompson faz parte de um pequeno grupo de pensadores originais que não apenas entende o nosso atual impasse, como também percebe que por trás desse impasse há outros fatores. Há algo mais acontecendo: um movimento sideral da consciência que nos traz de volta a níveis de consciência negados e reprimidos pelo ímpeto materialista da nossa civilização atual. Essencial para esse processo, de acordo com Thompson, é uma mudança em nossa compreensão dos mitos. Podemos passar de “uma sensibilidade pós-moderna em que o mito é considerado um sistema absoluto e autoritário do discurso para uma cultura planetária na qual o mito seja considerado isomórfico, mas não idêntico, às narrativas científicas”.

Mas o que poderia ser esse retorno ao mito? Seria uma regressão à mentalidade supersticiosa do passado? Implica rejeitar a visão científica do mundo e o conhecimento empírico adquirido ao longo dos últimos séculos? Ou poderia ser um avanço em direção a uma compreensão mais holística e integrada? E em que medida os pressupostos latentes em nossa visão de mundo atual – materialista ou baseada na ciência – são de fato míticos ou metafísicos?

Toda cultura baseia-se em um substrato mitológico que oferece uma determinada base para compreender e interpretar a realidade. Os gregos antigos nos deram Zeus, Atena, Hermes e um panteão de atletas olímpicos briguentos que se lançam ao mundo humano como uma espécie de esporte aristocrático. Os hindus incorporam seus princípios cósmicos em divindades coloridas com vários braços, como Brama, Vishnu, Shakti, Kali e Shiva – criadores, protetores, destruidores e serenos contempladores. As culturas mesoamericanas personificavam sua metafísica em uma vertiginosa gama de figuras que se envolvem e se impregnam mutuamente: Omeotótl, Quetzalcoátl, Itzpapalótl, Mixcoátl, Tezcatlipoca, para citar apenas algumas. Os cristãos veneram a Santíssima Trindade do Pai, Filho e Espírito Santo, personificando o princípio feminino em Maria e também a esquecida Sofia, a deusa da sabedoria, já conhecida dos gnósticos. Será implausível sugerir que as divindades de nossa era secular abrangem as supercordas, os genes egoístas, os buracos negros e os Big Bangs descritos por nossos cientistas e que definem os limites da visão de mundo materialista?

O mito confere uma estrutura ao espaço e ao tempo e tece a realidade do mundo. De acordo com a perspectiva do psicanalista suíço Carl Jung, a estrutura do mito é profundamente arraigada nos processos ocultos da psique, e esta estrutura se repete universalmente nos indivíduos e em todas as sociedades humanas. Com base em seus próprios sonhos, em estudos interculturais e no material adquirido com seus pacientes, Jung desenvolveu a teoria do “inconsciente coletivo”, um repositório de mitos, símbolos e arquétipos que emana de uma fonte que ultrapassa a mente do indivíduo. Na descrição de Jung, os arquétipos do inconsciente coletivo são “fenômenos espontâneos que não estão sujeitos à nossa vontade, permitindo-nos, dessa forma, atribuir-lhes certa autonomia”. Um complexo mitológico ou arquetípico – tal como o apocalipse dos judeus e cristãos – é, nessa perspectiva junguiana, em última instância, um evento psíquico que pode assumir uma manifestação material, como um sonho coletivo que se torna realidade.

As civilizações fundadas em mitos – que precederam o surgimento do mundo moderno – viviam de acordo com um modelo temporal que difere da nossa atual consciência do tempo como uma extensão linear e unidirecional. Essas civilizações acreditavam que os acontecimentos e épocas seguiam inevitavelmente um padrão cíclico ou espiral e que o desenvolvimento das sociedades e do pensamento humano era integrado, sincronizado, com a imensa rotação de planetas, estrelas e constelações.

Para os maias e egípcios e para os construtores de Stonehenge e do Chaco Canyon, a astronomia era uma ciência sagrada. Eles construíram suas pirâmides e monumentos como calendários e observatórios, ancorando-se no cosmo observável.

Os períodos de declínio e ruína representam fases necessárias que fazem parte dessa perspectiva cíclica. No hinduísmo, por exemplo, nossa época atual é considerada a última das quatro eras, que correspondem, aproximadamente, à Era de Ouro, Era de Prata, Era de Bronze e Era de Ferro dos gregos. Os hindus a chamaram de Kali Yuga, em homenagem a Kali, a deusa negra destruidora, geralmente representada dançando sobre um cadáver, brandindo armas e usando uma guirlanda de crânios, com a língua devassa de fora e sangue escorrendo pelos caninos arreganhados. Segundo o estudioso francês René Guénon, escritor do início do século XX: “Na verdade, já entramos na fase final dessa Kali Yuga, que é o período mais sombrio da era das trevas e estado de ruína do qual não há salvação exceto por meio de um cataclismo, uma vez que depois dela não se necessita de um mero reflorescimento, mas sim de uma renovação completa.” Por mais cruel que pareça, a boa notícia é que o fim da Kali Yuga representaria um retorno à Era de Ouro, a Satya Yuga, quando a ira de Kali dá lugar ao êxtase de Shakti. Da mesma forma, um dos princípios do taoísmo chinês é que “o retorno é o movimento do Tao”. No símbolo taoista do I Ching vê-se extremos opostos contendo uns aos outros em forma embrionária.

Os astecas acreditavam que o cosmos se dissolve e se regenera de tempos em tempos. Eles chamavam esse mundo de Era do Quinto Sol e temiam a transição para a época seguinte. Estima-se que durante os últimos anos de seu império, eles sacrificaram setenta mil indivíduos por ano a fim de manter vivo o Quinto Sol – um caso clássico de obsessão destrutiva que toma conta dos impérios quando eles entram em declínio e se tornam decadentes. Da mesma forma, os hopis, tribo indígena do Arizona tida como habitante original do continente norte-americano, descendente dos anasazi, que construíram os monumentos do Chaco Canyon, dizem que atualmente estamos no Quarto Mundo, a quarta encarnação da Terra. Segundo as profecias orais desse povo, estamos nos aproximando da transição para o Quinto Mundo. Porém, na compreensão que os hopis têm da realidade, não há passado nem futuro no sentido contemporâneo (“todo o tempo é presente agora”) e os acontecimentos se manifestam de acordo com um padrão predestinado.

Enquanto seguidores de tendências da Nova Era muitas vezes idealizam culturas indígenas tribais por sua ligação com forças naturais, os céticos modernos

as repudiam – nossa superioridade parece ser comprovada por nossa astúcia técnica, por nossa eficiência na manipulação de recursos naturais, explorando as mínimas frações de matéria ou mandando foguetes para o espaço profundo. Uma perspectiva alternativa suspende o juízo. De certo modo, podemos considerar a situação atual do mundo – bilhões de pessoas amontoando-se em um mundo cada vez mais espoliado e enfrentando um futuro cada vez mais incerto – ao mesmo tempo como um avanço e como um declínio em relação à época anterior, com sociedades tribais, populações estabilizadas em baixos níveis, vivendo mais ou menos em equilíbrio com o mundo natural. Da mesma forma, o materialista moderno vê o mito como algo antiquado e ingênuo – na melhor das hipóteses, metafórico ou simbólico. O mito, para nós, é um modo de nos convencer de que passamos para uma fase mais evoluída. A tese deste livro segue em direção contrária, propondo que a forma mítica de pensamento conhecida das culturas indígenas e tradicionais continua sendo uma orientação válida para compreender a realidade e é até uma forma de conhecimento que precisamos conciliar com nosso próprio conhecimento.

A profecia poderia muito bem fundamentar-se não na fantasia aleatória, mas na sintonia com níveis mais sutis da realidade, em formas de consciência que o Ocidente moderno teve de ceder temporariamente a fim de desenvolver o pensamento empírico e racionalista. Nas palavras de Armin Geertz, antropólogo estudioso da cultura hopi: “Profecia não é predição, embora tenha a pretensão de ser. A profecia é apenas um fio no tecido geral do significado, na visão de mundo geral. Dessa forma, ela pode ser vista como estilo de viver e de ser.”

POR MAIS DE MIL ANOS, a genialidade das civilizações maia e tolteca, que precederam os astecas, fixou-se em codificar uma compreensão peculiar do tempo, perpetuando-a em sua arquitetura e escultura em pedra. Segundo os cálculos precisos dessas civilizações, a Terra estava se aproximando de uma conjunção cósmica representando a conclusão de um grande ciclo evolutivo e um potencial portão de entrada para um nível superior de manifestação. Conforme discutiremos adiante com mais detalhes, a aproximação desse marco histórico também assinala um raro evento astronômico: o alinhamento da Terra e do Sol com a “Grande Fenda” escura localizada no centro da Via Láctea, no solstício de inverno de 21 de dezembro de 2012. Essa data específica é menos importante que a perspectiva maia, descrita pelo estudioso da cultura maia

John Major Jenkins, de que “por volta do ano de 2012, um grande capítulo da história humana chegará ao fim. Perderão validade todos os valores e pressupostos da era mundial anterior e terá início uma nova fase de crescimento humano.” O estudioso sugere que “para os maias, isso é um processo natural, no qual após cada morte surge uma nova vida”.

Thompson observa que o pensamento mítico pode ser considerado “isomórfico” à ciência moderna em vez de se contrapor a ela. Nos últimos séculos, a ciência tem exposto a lógica elegante por trás de todos os processos naturais, desde a implosão de estrelas agonizantes até as intrincadas formas helicoidais do DNA cintilando incessantemente em cada uma das cem trilhões de células que se agarram umas às outras para formar nossos corpos. Ao contrário da moderna produção industrial, a natureza não gera lixo. O *timing* dos processos naturais – desde os sinais químicos transmitidos durante o desenvolvimento de um feto até o desabrochar sazonal de uma flor – geralmente é impecável.

Nas palavras do físico Werner Heisenberg: “A ciência natural não se limita a descrever e explicar a natureza; ela é parte da interação entre nós e a natureza.” Um paradoxo interessante é que ao mesmo tempo em que a ciência tem estudado o mundo, alcançando níveis mais profundos de compreensão, a tecnologia produzida por nossos conhecimentos científicos o tem desmantelado. A crise biosférica que desencadeamos é obra exclusivamente do homem. Somos nós que interferimos com os sistemas de autorregulação da Terra, liberando poluição, lixo, clorofluorocarbonetos, urânio empobrecido e outras descargas de dejetos tóxicos. Seria essa emergência planetária também “parte da interação entre nós e a natureza”?

As civilizações fundadas em mitos e as culturas tradicionais acreditam que os seres humanos são indissociáveis das leis naturais e dos ciclos cósmicos. O padrão do crescimento das sociedades humanas poderia ser visto como um aspecto ou manifestação da natureza. Mesmo o desenvolvimento de nossas capacidades individuais e a evolução do nosso autoconhecimento têm como origem as capacidades contidas no potencial do mundo natural. Temos capacidade de pensar com sabedoria e inteligência porque a natureza é inteligente e sábia. A mentalidade aborígene não reconhece nenhuma distinção fundamental entre matéria e espírito, nenhuma divisão dualista entre mente e mundo. Como veremos, há pelo menos uma vanguarda do pensamento da física moderna que oferece sustentação a tal visão de mundo.

Segundo essa lógica, para compreender um processo evolutivo no nível da

consciência humana, precisamos estender nossas mentes em direção a ele. Do ponto de vista da lógica sistêmica da natureza, na qual nada se perde, seria inútil e uma piada deveras cruel produzir um mundo complexo como este em que habitamos atualmente e esmagá-lo em pedaços, sem ganho, nem propósito. Se de fato, conforme sugerido por minha pesquisa, chegamos ao momento profetizado, então deve haver uma lógica por trás desse processo – quem sabe até uma base empírica. Ele deve estar em conformidade com as leis naturais. Naturalmente, essa lógica e essas leis podem ser radicalmente diferentes daquelas defendidas pelo paradigma materialista de definição estrita. Algo que poderia ajudar nisso seria uma perspectiva que fosse aberta a possibilidades radicais e, ao mesmo tempo, que fosse lógica, sábia e serena.

Minha tese é que o rápido desenvolvimento da tecnologia e a destruição da biosfera são subprodutos materiais de um processo psíquicoespiritual que ocorre em escala planetária. Geramos essa crise para forçar nossa própria transformação acelerada – inconscientemente, o surgimento da crise foi vontade nossa. A consciência humana, elemento sensível da Terra, está em processo de se auto-organizar em uma condição mais intensa de ser e de saber – algo que o místico russo G. I. Gurdjieff chamou de “oitava superior”. Quando os hopis falam do Quinto Mundo ou quando os astecas prenunciam o Sexto Sol, quando São João profetiza a descida da Cidade Celestial (Nova Jerusalém), todos eles estão descrevendo a mesma coisa: uma transformação na natureza da consciência.

O filósofo Martin Heidegger fez uma distinção entre “mundo”, quadro conceitual que confere sentido e estrutura a nossas vidas, e “Terra”, base física de nosso ser. No pensamento fenomenológico heideggeriano, “mundo” representa um conjunto de pressupostos subliminares, um modo de nos relacionarmos com a história, com o tempo e com o espaço, protegido por processos profundamente arraigados na psique coletiva. “O mundo *mundifica*, e seu ser é mais pleno que a esfera tangível e perceptível na qual, assim acreditamos, nos sentimos em casa”. Um mundo permite certas possibilidades, ao mesmo tempo em que nega outras:

Na abertura de um mundo, todas as coisas ganham sua lentidão e sua ansiedade, seu afastamento e sua proximidade, seu escopo e seus limites. Na mundificação de um mundo, reúne-se a vastidão a partir da qual é concedida ou negada a graça protetora dos deuses. Mesmo a falta de sentença divina é um modo pelo qual o mundo mundifica.

O processo de transição de um mundo para outro poderia ser o processo de criação e, ao mesmo tempo, destruição. A “abertura de um mundo” poderia ser um processo calculado com extrema precisão, como as fases do desenvolvimento fetal, mas ocorrendo dentro da psique. Talvez até seja necessário que esse processo permaneça envolto em mistério até sua fase final. Nas palavras de Heidegger: “Tudo que é essencial (...) se mantém encoberto o maior tempo possível.”

PARA MIM, É MUITO ESTRANHO – e, ao mesmo tempo, estranhamente familiar – estar fazendo esta investigação. Fui criado como ateu secular em Manhattan. Como jornalista, na casa dos vinte anos, eu bebia demais em coquetéis e escrevia perfis de celebridades, *designers* de calçados e artistas plásticos para revistas. Nunca imaginei que recuperaria uma dimensão mítica da existência. Nunca poderia esperar que ficaria tão fascinado por visões, sonhos e sincronicidades, que examinaria tão seriamente passagens bíblicas e profecias indígenas como se elas fossem as dicas mais quentes de ações da bolsa de valores durante o *boom* das empresas da internet. Muitas vezes, sentime menos como um indivíduo e mais como um conveniente cruzamento no qual as ideias pudessem se encontrar e se misturar umas às outras, um ímã ou estranha força de atração, compelido ou predestinado – talvez tragicamente mal orientado – a unir a psicologia junguiana, o paradoxo do *quantum*, a crítica da Escola de Frankfurt, a antroposofia e a mitologia maia às investigações de temas aparentemente excêntricos como os círculos nas plantações, as abduções alienígenas, o xamanismo amazônico e o fim dos tempos. Seja qual for o destino desta obra, fico grato – e sensibilizado – por ter tido a oportunidade de explorar esses mistérios impressionantes.

Ofereço este livro como um presente entregue de maneira retroativa no espaço-tempo, do outro lado da barreira de um novo mundo – um novo paradigma psíquico que é uma percepção diferente da temporalidade, uma reordenação do pensamento que engloba dimensões proféticas e pragmáticas da realidade. Meu objetivo é ajudar o leitor a partilhar da mesma compreensão que exponho aqui. Porém, um texto só pode atuar como um arcabouço de conceitos, uma escada para que outros possam subir. O conhecimento real do que estou dizendo deve ser conquistado e vivido por cada indivíduo à sua própria maneira.

Se concluíssemos, após meticulosa análise, que o mundo moderno se baseia em concepções fundamentalmente falhas do tempo e da mente e que foi com base

nessas deficiências fatais que construímos uma civilização falha – como uma ponte que é construída sobre fundamento instável, cambaleando à medida que é erguida –, então a lógica poderia indicar a necessidade e inevitabilidade da mudança. Ao preencher a lacuna entre a ciência e o mito, a racionalidade e a intuição, a tecnologia e a técnica, podemos também compreender a forma que essa mudança assumiria. Essa transformação não seria o “fim do mundo”, mas sim o fim de um mundo e o início de outro.